



Saberes docentes e os bebês: os espaços como coeducadores na creche

Teaching knowledge and the babies: the spaces as an educators in the day care center

Saberes docentes y los bebés: los espacios como coeducadores en la guardería

Daniela Silva e Costa Santana¹

Serviço Educacional da Rede Municipal de Ensino de Santo André, Santo André/SP, Brasil

Elisabete Filomena dos Santos²

Serviço Educacional da Rede Municipal de Ensino de Santo André, Santo André/SP, Brasil

Marta Regina Paulo da Silva³

Professora da Universidade Municipal de São Caetano do Sul, São Caetano do Sul/SP, Brasil

Recebido em: 17/03/2020

Aceito em: 04/11/2020



10.34019/1984-5499.2020.v22.29969

Resumo

Este artigo apresenta um relato de experiência de formação continuada no município de Santo André/SP, constituindo-se em uma das ações de implementação da Proposta Curricular Municipal. O trabalho formativo teve como objetivo a tematização do espaço como coeducador, com foco no berçário, compreendendo-o como um ambiente promotor de experimentações e vivências que contribuem para o desenvolvimento e aprendizagem dos bebês. Os encontros com os(as) educadores(as) foram pautados em estudos teóricos e discussões sobre a prática pedagógica à luz da concepção sócio-histórico-cultural defendida no currículo da cidade. Como resultado observa-se, a partir dos relatos dos(as) docentes, que a formação proporcionou reflexão e o compartilhar de experiências que contribuíram para o desenvolvimento profissional dos(as) participantes que atuam na primeiríssima infância.

Palavras-chave: Formação continuada. Espaço como coeducador. Educação de bebês.

Abstract

This article presents an account of the experience of continuing education in the city of Santo André/SP. It refers to one of the implementation actions of the municipal Curricular Proposal, whose objective is to discuss the pedagogical practices of Early Childhood Education in the light of the socio-historical-cultural conception defended in the city's curriculum. The training shared here took place in 2019, with the theme of the space as a co-educator, with the nursery as a promoter of experimentations and experiences that contribute to the development and learning of babies and very young children. The work was based on theoretical studies and discussions on teaching practice. As a result, it can be seen from the teachers' reports that the training provided the reflection and sharing

¹ E-mail: danicostasanttana@gmail.com

² E-mail: elisabetefe1629@gmail.com

³ E-mail: martarps@uol.com.br

of experiences that corroborated the professional development of the participants who were active in very early childhood.

Keywords: Continuing formation. Space as an educator. Education of babies.

Resumen

Este artículo presenta un relato de experiencia de formación continuada en el municipio de Santo André/SP, constituyéndose en una de las acciones de implementación de la Propuesta Curricular del Municipio. El trabajo formativo tuvo como objetivo la temática del espacio como coeducador, enfocado en la guardería, entendiéndola como un ambiente que promueve experimentos y experiencias que contribuyen al desarrollo y aprendizaje de los bebés. Los encuentros con los(as) educadores(as) fueron basados en estudios teóricos y discusiones sobre la práctica pedagógica a la luz de la concepción socio-histórica-cultural defendida en el currículo de la ciudad. Como resultado se observa, a partir de los(las) relatos de los docentes, que la formación proporcionó reflexión e intercambio de experiencias que corroboraron al desarrollo profesional de los(las) participantes que actúan en la primera infancia.

Palabras clave: Formación continua. El espacio como coeducador. Educación de bebés.

Introdução

A Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988) reconhece as crianças como sujeito de direitos, dentre eles o direito à Educação Infantil — pública, gratuita e de qualidade — por meio do sistema educacional. Essa conquista, fruto de uma ampla mobilização dos movimentos sociais, atende uma das reivindicações do Movimento Feminista e do Movimento de Mulheres que lutavam por um espaço educacional seguro e qualificado no qual pudessem deixar seus filhos e filhas enquanto trabalhavam. Segundo Teles (2015, p. 30), é a primeira vez no país que a creche se inscreve como um direito da criança pequena. Para a autora “o feminismo construiu publicamente a creche como um direito das crianças pequenas a um espaço de educação/ socialização e cuidados. [...] deixa de ser apenas um direito das mulheres trabalhadoras. Passa a ser um direito de mulheres, homens, e principalmente das crianças”.

Embora nas décadas seguintes essa proposição legal tenha resultado na ampliação e expansão das instituições de Educação Infantil no Brasil, ainda temos um grande contingente de crianças, em especial aquelas na faixa etária entre 0 e 3 anos, que não têm este direito assegurado. A garantia do acesso à creche e à pré-escola a todas as crianças remete a políticas públicas de investimento na área, o que implica em reconhecer a importância da Educação Infantil no processo de humanização das crianças pequenas. Além do acesso, coloca-se também a necessidade de qualificação desses espaços educativos.

Na perspectiva da qualificação desses espaços, compete a cada sistema de educação construir propostas curriculares que primem pelo respeito às crianças e às suas famílias, e que possibilitem

experiências em que todos e todas possam se desenvolver e aprender. Nessa tarefa, a formação dos educadores e das educadoras constitui-se em um critério de qualidade, como observado no texto dos Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil que orientam que as secretarias municipais de educação “[...] promovam a formação continuada dos professores e de outros profissionais que atuam nas instituições de Educação Infantil” (BRASIL, 2006, p. 21).

Tal critério é corroborado pelas Diretrizes Curriculares Nacionais e Base Nacional Comum para a Formação Inicial e Continuada de Professores da Educação Básica, Parecer CNE/CP nº 22/2019, especificamente no item 5.2, intitulado Princípios da política da formação docente, incisos VII, VIII e IX:

- VII - A articulação entre formação inicial e formação continuada;
- VIII- A formação continuada entendida como componente essencial da profissionalização docente, devendo integrar-se ao cotidiano da instituição educativa e considerar os diferentes saberes e a experiência docente, bem como o projeto pedagógico da instituição de educação básica na qual atua o docente; e
- IX - A compreensão dos docentes como agentes formativos de conhecimento e cultura e, como tal, da necessidade de seu acesso permanente a conhecimentos, informações, vivência e atualização culturais (CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2019).

Em face a isso, a equipe técnica da Coordenação de Estudos Pedagógicos e Curriculares (CEPEC) da Secretaria de Educação do Município de Santo André, São Paulo, a partir das necessidades observadas ao longo do processo de construção curricular e dos estudos realizados em diferentes momentos formativos, constatou a necessidade de discutir com as equipes educativas o trabalho pedagógico realizado com os bebês. Assim, organizou um curso destinado às equipes docentes e gestoras das creches com o intuito de contribuir para a qualificação de suas práticas pedagógicas no e com o berçário. A participação na formação foi optativa e oferecida fora do horário de trabalho dos(as) profissionais.

Neste relato, apresentamos o trabalho realizado especificamente com os(as) docentes. Cabe pontuar que a justificativa pela escolha por esta formação também se deu pelo fato de que nessa Rede Municipal de Ensino, nos últimos cinco anos, houve o ingresso de muitos(as) profissionais, que, em sua maioria, acabaram de concluir seus cursos de graduação em Pedagogia e que, portanto, não possuem experiência no trabalho com os bebês. Soma-se a isso a própria implementação da proposta curricular da referida rede de ensino, que foi iniciada em 2019.

Formação docente e os espaços da creche como coeducadores

Reconhecer o espaço como “coeducador” na creche é proporcionar aos bebês, e também às crianças pequenas, a criação de contextos educativos que possam explorar, imaginar, fantasiar, criar, descobrir, se expressar, reconhecer a si, ao outro e ao mundo, produzindo as culturas infantis através das brincadeiras e demais formas de expressão.

De acordo com Gandini (1999), para Loris Malaguzzi tudo que utilizamos na instituição, como objetos, estruturas e materiais, são elementos importantes para a aprendizagem infantil, pois ao manipularem e terem contato cotidiano com tais materiais, estes possibilitam que os bebês e demais crianças envolvam-se em uma série de aprendizagens sociais, afetivas e cognitivas. Segundo esse educador, a valorização do espaço acontece:

[...] devido ao seu poder de organizar, de promover relacionamentos agradáveis entre pessoas de diferentes idades, de criar um ambiente atraente, de oferecer mudanças, de promover escolhas e atividades, e a seu potencial para iniciar toda a espécie de aprendizagem social, afetiva e cognitiva. Tudo isso contribui para uma sensação de bem-estar e segurança nas crianças. Também pensamos que o espaço deve ser uma espécie de aquário que espelhe as ideias, atitudes e valores das pessoas que vivem nele (MALAGUZZI, 1984 *apud* GANDINI, 1999, p. 157).

A organização desses espaços potencializadores das aprendizagens, constitui-se como um dos saberes necessários à prática educativa, o que impele ao compromisso com a formação dos educadores e educadoras da creche.

Como já pontuado, neste artigo focamos na formação dos(as) docentes de berçários, oportunizada pela Rede Municipal de Educação de Santo André e a qual contou com duas autoras deste texto como formadoras atuantes nessa formação. O objetivo foi o de qualificar os espaços que acolhem os bebês em suas especificidades.

A formação em questão proporcionou aos(às) docentes momentos de reflexão sobre a organização dos espaços na creche dialogando com referenciais teóricos que, ao iluminar a prática, possibilitasse o repensar e a reorganização destes, compreendendo-os como fundamentais no processo de desenvolvimento e aprendizagem dos(as) pequenos(as). De acordo com Guarnieri (2005, p. 19): “É possível dizer, no entanto, que os conhecimentos teórico-acadêmicos e mesmo aqueles oriundos do processo de escolarização são transformados no exercício da reflexão sobre a prática pelo professor”.

Nessa perspectiva, uma das estratégias adotadas para iniciar as discussões com o grupo na formação foi um trecho do documentário “O começo da vida”, que aborda aspectos do desenvolvimento do cérebro humano, chamando a atenção para os primeiros anos de vida, em que estão sendo construídas as principais sinapses cerebrais, aproximadamente um milhão de conexões por segundo são realizadas nesta etapa da vida que vai dos 0 aos 6 anos. A importância de conhecer os benefícios de uma educação infantil de qualidade nos primeiros anos da vida de uma criança e, conseqüentemente, os de se investir nesta fase da vida, contribui para a compreensão de se qualificar os contextos educativos oferecidos à ela, bem como exigir políticas públicas que priorizem e valorizem a primeira infância (O COMEÇO..., 2016).

A primeira infância é um período em que experiências, descobertas e afetos são fundamentais, impactando a criança em toda a sua vida. Conforme afirma Villachan-Lyra *et al.* (2017):

O desenvolvimento do nosso cérebro é um processo contínuo, que tem na primeira infância um período fundamental. Para que ocorra de modo saudável, é fundamental um ambiente socioafetivo acolhedor e amoroso, tanto na família como no ambiente escolar, bem como a oferta de experiências desafiadoras e promotoras de desenvolvimento (VILLACHAN-LYRA *et al.*, 2017, p. 10).

Após assistirem ao documentário, as(os) docentes levantaram questões sobre: como as crianças são sujeitos ativos, criativos, capazes de interações entre elas e com os outros; os períodos de desenvolvimento humano; como as mediações promovem aprendizagens significativas e que possibilitam alavancar o desenvolvimento dos bebês e das crianças pequenas; como o espaço pode ser uma oportunidades para brincar, descobrir, compartilhar e repousar; o trabalho com os bebês e o quanto as mediações são importantes neste período. Todas essas questões foram discutidas e problematizadas, possibilitando reflexões sobre uma rotina planejada com intencionalidade, de modo a promover contextos que favoreçam as experiências das crianças através do brincar e de suas múltiplas linguagens; e, nesse sentido, como a organização do espaço afeta diretamente no trabalho realizado com os bebês.

O bebê não pode ser entendido como uma ‘tábula rasa’, mas sim como um sujeito de intervenção no mundo (FREIRE, 2003), como protagonista no processo de ensino e aprendizagem. Assim, precisa ser acolhido em um ambiente seguro e rico em vivências que oportunizem a explorar todo o seu potencial de aprendizagem. Conforme explicita a autora Barbosa (2010):

Durante muitos anos os bebês foram descritos e definidos principalmente por suas fragilidades, suas incapacidades e imaturidade. Porém, nos últimos tempos, as pesquisas vêm demonstrando

suas inúmeras capacidades. Temos cada vez mais conhecimento acerca da complexidade da sua herança genética, dos seus reflexos, das suas competências sensoriais e, para além das suas capacidades orgânicas, aprendemos que os bebês também são pessoas potentes no campo das relações sociais e da cognição (BARBOSA, 2010, p. 2).

Com a finalidade de contribuir com as discussões e reflexões ao longo da formação, foi indicada a leitura do texto “Os impactos da organização do espaço para o trabalho pedagógico com bebês” das autoras Farias, Magalhães e Leite (2017), publicado nos Anais do Congresso-EDUCERE. Sugeriu-se também aos(às) participantes a leitura de excertos do Documento Curricular do Município de Santo André (SANTO ANDRÉ, 2019), que traz a concepção sócio-histórico-cultural como balizadora das práticas pedagógicas na referida Rede Municipal, tendo como objetivo ampliar o conhecimento sobre o desenvolvimento humano e sobre as mediações promotoras de aprendizagens e que colaboram para alavancar o desenvolvimento dos bebês e das crianças, pois:

A sequência e o conteúdo dos estágios do desenvolvimento não só se alteram, mas se produzem historicamente, com a mudança do lugar ocupado pela criança no sistema de relações sociais. Não é, portanto, a idade cronológica da criança que determina o período do desenvolvimento psíquico em que ela se encontra, razão pela qual todas as referências que fazemos a idades ao discutir a periodização são relativas e historicamente determinadas (PASQUALINI, 2013, p. 78).

A criança em interação constrói e reconstrói o mundo nesta relação dialética, pois ao agir sobre o meio o transforma e é também transformado por ele construindo desse modo o conhecimento do e com o mundo. Assim, o espaço torna-se fonte de oportunidades para brincar, descobrir, compartilhar, narrar. De acordo com Souza (2016, p. 177), “o lugar, por si só, não qualifica a educação, mas entendemos que é a partir dele que a criança amplia seu repertório cultural e garante seu desenvolvimento”.

Nesses espaços são compartilhadas diferentes vivências que valorizam a participação das crianças. De acordo com Barbosa (2010):

Quando as crianças são tomadas como seres capazes elas se tornam protagonistas no projeto educacional. Essa é uma mudança paradigmática na compreensão da educação dos bebês, pois se afirma o compromisso com a oferta de um serviço educacional que promova, para todas as crianças, a possibilidade de viver uma experiência de infância comprometida com a aprendizagem gerada pela ludicidade, brincadeira, imaginação e fantasia. Nesse espaço, os bebês aprendem observando, tocando, experimentando, narrando, perguntando, e construindo ações e sentidos sobre a natureza e a sociedade, recriando, deste modo, a cultura (BARBOSA, 2010, p. 3).

Problematizando a temática do espaço como “coeducador”, os(as) educadores(as) foram convidados a relatarem sua prática estabelecendo relações com o texto das autoras Farias, Magalhães e Leite (2017), repensando a organização dos espaços a fim de que melhor pudessem acolher os bebês, favorecendo a sua autonomia e a construção das relações entre os próprios bebês, deles com os(as) adultos(as) e com o espaço.

No momento de partilha destas experiências, os(as) docentes relataram ações que propiciam aprendizagem e desenvolvimento dos bebês, como: organizar os espaços de forma acolhedora; apresentar no espaço elementos que permitam brincar, explorar e montar; oferecer elementos que possibilitem a exploração sensorial; preparar um espaço desafiador; ofertar diferentes objetos e materiais estruturados e não estruturados; possibilitar a exploração e o contato com os elementos da natureza, entre outras ações.

Motivados(as) por estas discussões, os participantes assistiram e discutiram o vídeo do Ateliê Carambola – III Mostra Cultural da Infância (Berçário), que apresenta exemplos de espaços organizados com intencionalidade docente e que respeitam o desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Refletiu-se sobre as experiências de brincar, de aprender a cuidar de si, da multiplicidade de interações a partir das diferentes linguagens, o que vai ao encontro do que orientam as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil:

As instituições de Educação Infantil devem tanto oferecer espaço limpo, seguro e voltado para garantir a saúde infantil quanto se organizar como ambientes acolhedores, desafiadores e inclusivos, plenos de interações, explorações e descobertas compartilhadas com outras crianças e com o professor. Elas ainda devem criar contextos que articulem diferentes linguagens e que permitam a participação, expressão, criação, manifestação e consideração de seus interesses (BRASIL, 2010, p. 07).

Os(as) educadores(as) refletiram, ainda, que a rotina planejada com intencionalidade oferece vivências significativas aos bebês e possibilitam aos pequenos diferentes experimentações e explorações. Quando nós adultos(as) revelamos nossas intenções e fazemos escolhas que respeitam e valorizam a infância, evidencia-se a ideia de uma criança ativa, potente e produtora de cultura. Como pontua Barbosa (2010, p. 02): “os bebês possuem um corpo onde afeto, intelecto e motricidade estão profundamente conectados e é a forma particular como estes elementos se articulam que vão definindo as singularidades

de cada indivíduo ao longo de sua história. Cada bebê possui um ritmo pessoal, uma forma de ser e de se comunicar”.

A escuta e o olhar atento às especificidades dos bebês possibilitam a ação do(a) educador(a) na proposição de espaços e contextos que convidem os pequenos a se relacionarem e construírem sua autonomia. Contudo, como defende Silva (2020, p. 276), “é preciso silenciar-se para escutar os bebês”, ou seja, é necessário que educadores(as), confiantes na potência dos bebês, voltem seu olhar para eles, atentos(as) aos seus gestos, movimentos, olhares, choro e as tantas outras formas de expressão. Para essa pesquisadora, os bebês leem e dizem o mundo desde que nascem, isso porque “os bebês são curiosos, fazem perguntas e se perguntam. Perguntas que pouco escutamos, pois partem de uma outra racionalidade, de sua razão infantil, e se expressam através de todo o seu corpo” (SILVA, 2020, p. 277).

Cabe pontuar que, para essa pesquisadora, esse silêncio, “[...] não significa omissão ou abandono, mas um profundo respeito à sua capacidade e às suas formas de pensar e agir no mundo. Isso porque, o silêncio, como um valor educativo, possibilita que o(a) outro(a) diga a sua palavra, a partir de múltiplas linguagens, e é esse silêncio que permite que suas vozes aflorem” (SILVA, 2020, p. 281). Sendo assim, a escuta e o olhar sensível constituem-se como saberes fundamentais à prática pedagógica.

Nesse movimento de escuta, também dos(as) próprios(as) educadores(as) durante o trabalho formativo, verificou-se, a partir dos relatos de sua prática, que existem ‘momentos críticos’ na rotina como, por exemplo, os momentos de entrada e saída, da refeição, das trocas de fraldas e roupas das crianças e o descanso, e que muitas vezes causam certo desconforto entre os(as) adultos(as) que estão no dia a dia com os pequenos. Aqui discutiu-se os eixos estruturantes do trabalho para esta etapa de educação: as interações e as brincadeiras. Embora o trabalho com bebês, de modo geral, envolva ações diversificadas, é importante que o(a) educador(a) proponha momentos de interação dos bebês com as diferentes linguagens, com as manifestações culturais diversas e, principalmente, promovam ações que auxiliem na construção de uma autoimagem positiva.

Para suscitar esta reflexão, foram disparados alguns questionamentos aos(às) participantes, a saber: seria o espaço apenas um cenário, algo montado? De que maneira ele é percebido pelas crianças e pelos adultos? Como compreendemos a importância do espaço para o desenvolvimento das crianças? Como as crianças se relacionam nos espaços? O espaço oferece e favorece oportunidades na construção das relações - criança/criança; criança/adulto; adulto/criança; criança/materiais; criança/espaço?

Estas questões provocaram os(as) educadores(as) a refletirem sobre o espaço como “coeducador”, considerando: as crianças ativas, curiosas e em sintonia com o mundo que a rodeia; a necessidade de criar contextos em que o bebê sinta-se convidado à exploração, investigação e construção do conhecimento; e privilegiar o acesso aos materiais considerando o olhar da infância. Nesse sentido, os Indicadores da Qualidade na Educação Infantil trazem características fundamentais que ajudam as instituições a pensarem esses espaços:

Espaços internos limpos, bem iluminados e arejados, com visão ampla do exterior, seguros e acolhedores, revelam a importância conferida às múltiplas necessidades das crianças e dos adultos que com elas trabalham; espaços externos bem cuidados, com jardim e áreas para brincadeiras e jogos, indicam a atenção ao contato com a natureza e à necessidade das crianças de correr, pular, jogar bola, brincar com areia e água, entre outras atividades (BRASIL, 2009, p. 50).

Considerando a projeção desses espaços, os(as) educadores(as) foram convidados a participarem de uma dinâmica em pequenos grupos, em que, a partir de imagens de espaços reais das creches da Rede Municipal de Santo André/SP, considerassem todo o movimento de estudo e discussão realizado ao longo dos encontros e propusessem sugestões, objetivando a qualificação desses espaços, entendendo-os como “coeducadores” para as aprendizagens dos bebês. Esse convite parte da compreensão de que:

[...] a função do educador (a) é a de preparar e organizar estes espaços a partir do que consideram como bom e importante para o desenvolvimento de todos, incorporando valores culturais em sua proposta pedagógica. Além disso, ainda no que se refere ao papel do docente, consideram que este é o “[...] organizador dos lugares onde ocorre o processo educacional. Tal trabalho baseia-se na escuta, diálogo e observação das necessidades e interesses expressos pelas crianças, transformando-se em objetivos pedagógicos” (AZEVEDO *et al.*, 2004, p. 5).

Os(as) participantes contribuíram com sugestões que diziam respeito ao cuidado estético; sugeriram alterar as disposições e adequações de mobílias que possibilitassem maior movimentação dos bebês nos espaços da sala e da creche; a organização dos materiais existentes para a exploração e manipulação dos pequenos; entre outros. Ao final da dinâmica, foi realizada a exposição do material produzido em cartazes pelos(as) educadores(as), para que todos os grupos tivessem a oportunidade de compartilharem esses saberes uns com os outros.

No encerramento da formação, foi solicitado aos(as) participantes que, de maneira optativa, respondessem a uma avaliação para qualificar as futuras formações. As avaliações apontaram que, para a grande maioria (92%), as expectativas iniciais foram atendidas, de um modo especial no que se refere ao

compartilhar das práticas. Relataram, ainda, que os conteúdos proporcionaram reflexões que contribuirão com suas práticas pedagógicas na atuação com bebês, isto se constata, por exemplo, nos seguintes depoimentos: *“A formação contribuiu com várias sugestões para um ambiente mais estimulador”, “Gostei bastante do acervo apresentado, somou com o que conhecia e pude buscar mais conhecimentos a respeito do trabalho superando minhas expectativas quanto a livros de grande qualidade sobre os bebês e Educação Infantil”.*

Conscientes de que a reflexão sobre a prática pedagógica é um saber indispensável à docência (FREIRE, 1999), compreendemos que esta proposta de formação não se encerra aqui, ao contrário, ela coloca a necessidade de continuar investindo no trabalho com os(as) educadores(as) de modo a qualificar, ainda mais, o olhar e a escuta para e com os bebês.

Considerações finais

Os encontros formativos com os(as) educadores(as) que compõem a Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Santo André, para dialogar e compartilhar saberes sobre as práticas nos espaços públicos das creches, tiveram como um de seus objetivos compreender quais são as necessidades destes(as) profissionais que atuam com a primeiríssima infância, bem como dialogar sobre o olhar e escuta sensível aos bebês, tendo como foco o repensar os espaços em que eles convivem cotidianamente.

Ao longo da formação, foi possível refletir sobre as experiências profissionais a partir da concepção sócio-histórico-cultural, concepção que pauta o Documento Curricular da Rede de Ensino (SANTO ANDRÉ, 2019, p. 6) bem como socializar e refletir práticas que sejam consonantes a essa concepção de trabalho, para que assim, no diálogo e na partilha entre os(as) envolvidos(as), pudéssemos contribuir uns com os outros para a ressignificação de práticas e juntos(as) pensássemos estratégias para os desafios cotidianos que surgem no interior das instituições.

Acreditarmos que o espaço pode contribuir para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças pequenas, em especial os bebês, foi o primeiro passo para reflexões, proposições e diálogos, sendo também um dos princípios desta formação, pois a ressignificação e a transformação da prática só é possível quando somos tocados(as) e afetados(as) pela relação que estabelecemos com o(a) outro(a). Os vínculos que foram construídos entre formadoras e educadores(as) foram importantes para que se

estabelecesse uma escuta e diálogos respeitosos entre ambos, pois cada um traz consigo uma bagagem, e nesta estão às experiências vividas ao longo de seu percurso profissional.

Para a ressignificação das práticas com os bebês, durante este processo de formação, foi necessário entendermos que a prática pedagógica precisa de intencionalidade, mas que esta não pode ser prescritiva, principalmente quando falamos de um espaço que assume uma função de “coeducador”. Ter intencionalidade ao planejar e propor a organização de espaços que acolhem os bebês e as relações que estabelecemos com eles, torna-se primordial, pois entendemos que nossas ações revelam concepções, e que estas estão em constante processo de ressignificação.

Concluimos que o espaço como “coeducador” nos revela o quanto ele é um educador em potencial, ele media, relaciona e promove aprendizagens aos bebês e também dos(as) adultos(as), por isso é imprescindível que todos(as) os(as) envolvidos(as) estejam dispostos a dialogar e compartilhar experiências que respeitem a infância, reafirmando a necessidade de se pensar em um espaço intencionalmente planejado pelo(a) educador(a), sendo flexível à mudanças e atendendo às necessidades daqueles(as) que nele convivem.

Referências

AZEVEDO, Giselle, Arteiro Nielsen *et al.* **Padrões de infraestrutura para o espaço físico destinado à educação infantil e parâmetros de qualidade para a educação infantil**. Proarq/FAU-UFRJ, 2004. Disponível em http://www.fau.ufrj.br/prologar/arq_pdf/diversos/coedi_padroes_educ_infantil.pdf. Acesso em: 17 out. 2020.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. Especificidades da ação pedagógica com os bebês. *In*: Seminário Nacional Currículo em Movimento: Perspectivas Atuais, 1, novembro, 2010, Belo Horizonte. **Anais**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7154-2-2-artigo-mec-acao-pedagogica-bebes-m-carmem/file>. Acesso em: 17 out. 2020.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 01 mar. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros nacionais de qualidade para a educação infantil**. Brasília, 2006. v. 2.

BRASIL. **Indicadores da qualidade na educação infantil**. Brasília: MEC: SEB, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para educação infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2010.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (Brasil). **Diretrizes curriculares nacionais para a formação inicial de professores para a educação básica e Base Nacional Comum para a Formação inicial de professores da educação básica (BNC-Formação)**: Parecer CNE/CP 22/2019. Brasília, 2019.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (Brasil). Câmara de Educação Básica. Resolução n. 01, de 07 de abril de 1999. Institui as diretrizes curriculares nacionais para a Educação Infantil. **Diário Oficial da União**, Brasília, 09 de dezembro de 2009, Seção 1, p. 14.

O COMEÇO da Vida. Direção de Estela Renner. Intérpretes: Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, Bernard van Leer Foundation, Alana. [S. L.]: Maria Farinha Filmes, 2016. Son., color. Disponível em: ocomeçodavida.com.br. Acesso em: 17 out. 2020.

FARIAS, Cristiane dos Santos; MAGALHÃES, Cassiana; LEITE, Luana Carolina Cruz. **Os impactos da organização do espaço para o trabalho pedagógico com bebês**. Educere: XIII Congresso Nacional De Educação. Curitiba, 2017. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/26127_13507.pdf. Acesso em: 02 nov. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 12. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 35. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

GANDINI, Lella. Espaços educacionais e de envolvimento pessoal. *In*: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança**: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artmed, 1999. p. 145-158.

GUARNIERI, Maria Regina. O início na carreira docente: Pistas para o estudo do trabalho do professor. *In*: GUARNIERI, Maria Regina (Org.). **Aprendendo a ensinar**: o caminho nada suave da docência. 2 ed. Campinas, SP: Autores Associados: Araraquara, SP: Programa de pós-graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, 2005. p. 5-23. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo). Disponível em: andreluizsilva.files.wordpress.com/2012/09/0-inicio-da-carreira-docente.pdf. Acesso em: 02 nov. 2020.

PASQUALINI, Juliana Campregher. A periodização do desenvolvimento psíquico à luz da escola de Vigotski: a teoria histórico-cultural do desenvolvimento infantil e suas implicações pedagógicas. *In*: MARSIGLIA, Ana Carolina Galvão (Org.). **Infância e pedagogia histórico-crítica**. Campinas, SP: Autores Associados, 2013. p. 71-97.

SANTO ANDRÉ. **Documento Curricular da Rede Municipal de Santo André**. 2019.

SILVA, Marta Regina Paulo da. "E os bebês?": quando os bebês interrogam a nossa docência. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 61, p. 274-286, abr./jun. 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/43792/33599>. Acesso em: 15 out. 2020.

SOUZA, Renata Junqueira de; HERNANDES, Elianeth Dias Kanthack; SILVA, Isabela Fernanda Roberto da. A organização do espaço escolar na educação infantil. **Revista Zero-a-seis**, Florianópolis, v. 18, n. 34, p. 165-180, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/1980-4512.2016v18n34p165/32695>. Acesso em: 02 nov. 2020.

TELES, Maria Amélia de A. A participação feminista na luta por creches! In: FINCO, Daniela; GOBBI, Marcia A.; FARIA, Ana Lúcia G. de. (org.). **Creche e feminismo: desafios atuais para uma educação descolonizadora**. Campinas, SP: Edições Leitura Crítica; Associação de Leitura do Brasil – ALB; São Paulo: Fundação Carlos Chagas - FCC, 2015, p. 21-33.

VILLACHAN-LYRA, Pompéia *et al.* **Entendendo o desenvolvimento infantil: contribuições das neurociências e o papel das relações afetivas para pais e educadores**. Recife, 2017.